



VI Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - VI ETBCES

## ÁFRIC(A)QUI: DIÁSPORA ÁFRICA-CABULA E SUAS CONTRIBUIÇÕES AO PROCESSO EDUCATIVO ACERCA DA ANCESTRALIDADE AFRO-BRASILEIRA

**Larissa de Souza Reis**

Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
*larireiss@hotmail.com*

**Alfredo Eurico Rodrigues Matta**

Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
*alfredo@matta.pro.br*

**Francisca de Paula Santos da Silva**

Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
*fcapaula@gmail.com*

### 1 INTRODUÇÃO

Considera-se que a busca pelo autoconhecimento é essencial aos seres humanos e que a educação possui um papel importante para esse caminho. Sabe-se, porém, que a busca pela identidade exige um processo de construção que depende da intencionalidade e da permissão do próprio sujeito. Dessa maneira, alerta-se para as influências formativas dos currículos escolares que se apresentam distantes de uma contextualização compatível com as diversidades culturais e identitárias presentes no Brasil, tendo como consequência a preservação de ideologias colonizadoras, oriundas do histórico civilizatório brasileiro. Nessa problemática, questiona-se: de que maneira a pesquisa acerca do contexto histórico África-Cabula pode contribuir com processo educativo sobre a ancestralidade afro-brasileira?

As inquietações apresentadas germinaram de descontentamentos, enquanto educadores, a respeito da desvalorização de assuntos relacionados à história e à cultura afro-brasileira na instituição escolar, tendo em vista o ensino que propaga uma única versão dos registros de sociedades africanas que foram trazidas ao Brasil, com base em distorções que defendem e enaltecem uma minoria elitista. Desse modo, indaga-se: a quem interessa distorcer essas narrativas e por que os descendentes de africanos no Brasil lutam por mais espaço e oportunidades mais justas e igualitárias na conjuntura contemporânea?

A discussão sobre a temática indicada foi escolhida por fazer parte da pesquisa de mestrado que será aplicada em uma escola localizada nas proximidades do Cabula. Com essa proposta, este artigo está dividido em quatro partes: inicialmente, aborda-se o contexto da diáspora africana ao Brasil, com o recorte para a Bahia; em seguida, traçam-se aproximações desse viés com a chegada de nações africanas ao bairro do Cabula; a terceira parte, por sua



vez, dialoga sobre ancestralidades que traduzem a presença das africanias nesse cenário, com o resgate de tradições como as narrativas míticas; por fim, apontam-se as considerações finais.

## **2 CONTEXTO HISTÓRICO ÁFRICA-BRASIL: DIÁSPORA NEGRA E ESCRAVIZAÇÃO DE POVOS AFRICANOS NA BAHIA**

Não se trata de um povo, mas de uma multiplicidade de etnias, nações, línguas, culturas. (PRANDI, 2000, p. 52).

Pesquisar sobre civilizações da África envolve uma complexidade, considerando a sua multiplicidade cultural. Valoriza-se o termo africanias pela dimensão de ensinamentos, valores, histórias e costumes de diversos povos africanos que influenciaram na formação da cultura afro-brasileira. Contudo entende-se que a pesquisa sobre as nações africanas que vieram ao Brasil exige a atenção para a conjuntura da colonização europeizante que invadiu e assaltou territórios da África. A esse contexto, enfoca-se que a escravização africana foi realizada de forma violenta, de modo que os africanos foram arrancados de suas raízes étnicas e familiares, perdendo o controle de suas riquezas e costumes culturais. Ressalta-se que a diáspora do povo negro ao território brasileiro ocorreu em um cenário de exploração de terras já colonizadas pela Europa.

Silvério (2013) aborda que a diáspora negra ao Brasil foi originada da (s) África (s) Ocidental, Central e Oriental: a primeira, representada pelos iorubas, os gêges, os fanti-ashanti e povos islamizados; a segunda, pelos bantos; e a terceira, por sua vez, pelos negros moçambicanos. Segundo o autor, essas populações trouxeram contribuições culturais ao povo brasileiro, a exemplo dos iorubás, com suas ritualidades mitológicas e formações lexicais; e dos bantos, com variedades linguísticas e tradições religiosas.

Segundo Vianna Filho (1946), o tráfico negreiro gerou lucratividade aos colonizadores do estado da Bahia, e o estudo da importação de escravos para a região indicada pode ser estudada a partir da divisão em quatro ciclos, a saber: Ciclo da Guiné – período de transição da exportação de sociedades indígenas e importação de africanos ao Estado; Ciclo de Angola – com o destaque para a chegada dos “bântus” (VIANNA FILHO, 1946, p. 55), o comércio de Angola e o crescimento da indústria açucareira; Ciclo da Costa da Mina – tendo as relações comerciais entre Bahia e Costa da Mina, demarcadas pelo cultivo do fumo em troca da mão de obra escrava; e a última fase, compreendida como o período de ilegalidade do tráfico negreiro.



## VI Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - VI ETBCES

O Brasil possui uma forte herança lexical da África. A atuação dos iorubas e bantos na Bahia trouxe memórias culturais das línguas que foram faladas em terras brasileiras, como o nagô ou ioruba, quimbundo e gêge, com a predominância do primeiro na Bahia e do último nas regiões norte e sul do país. A exemplo, destacam-se palavras nagôs conhecidas pelos baianos, como: abará, acará, iemanjá (*yeye* – mãe + *eja* – peixe), além de uma variedade de vocábulos que foram trazidos por outras nações, a saber: batuque, birimbau, cachaça, cafuné, candomblé, chuchu, cochilar, curiar (o mesmo que comer), dendê e fubá, dentre outros (MENDONÇA, 2012).

Os colonizadores europeus utilizaram a escravização africana como via para manutenção dos grupos cativos no Brasil, para a atuação na agricultura, a exemplo dos canaviais. A partir do século XVI, ancestrais de diversas origens chegaram às cidades litorâneas como Salvador, Rio de Janeiro e Recife. Com a finalidade de impedir a comunicação entre os escravos, os dominadores arquitetaram maneiras para que os negros das mesmas etnias não fossem concentrados em uma mesma colônia. Contudo a massacrante travessia pelo atlântico e as torturas sofridas pelos escravos construíram laços de solidariedade entre eles (ALBUQUERQUE; FRAGA FILHO, 2006).

A esse respeito, as intervenções portuguesas na América do Sul atuaram na costa oriental do Brasil e ocidental da África, o que influenciou na reconfiguração da cultura afro-brasileira. O compartilhamento de saberes entre africanos de diversas etnias contribuiu para a disseminação e preservação cultural de suas tradições. Povos vindos de Benguela, Angola, Congo e Cabo Verde trouxeram africanias que semearam a dimensão e a força de diversas culturas que, em meio à diáspora, mantiveram vivas as memórias do ser africano-brasileiro (TAVARES, 2008).

Salienta-se que os negros escravizados lutaram pela preservação de suas culturas, de modo que, conforme Maurício e Barros (2014, p. 182):

Todas as nações trouxeram particularidades para o Brasil. A fon, com seus voduns e seus segredos. A bantu, “nação-mãe”, com seus inquices, tão nossos amigos! Os iorubás, com seus orixás e seus ancestrais divinos. Todas deram suas contribuições para o Brasil, seja na modalidade falada ou escrita da nossa língua, na medicina popular, no ensinamento dos segredos das suas ervas, na dança, na música etc. Agradecemos também a culinária colorida, cheirosa e saborosa.

Aponta-se a religiosidade de matriz africana como um dos legados que sobreviveu à dominação colonizadora, adquirindo reconfigurações para a realidade brasileira que, por meio do sincretismo religioso, possibilitaram aos africanos o culto às suas divindades de uma forma mais segura. Cita-se como fonte o cotidiano imerso na cidade de Salvador e, mais notadamente, no bairro do Cabula, por possuir um passado histórico marcado pela presença de



## VI Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - VI ETBCES

colonizadores e lideranças quilombolas que hoje mantêm influências dessa herança, como a existência de terreiros de candomblé.

### 2.1 DIÁSPORA ÁFRICA-CABULA: RESISTÊNCIA ANCESTRAL VIVA NA CONTEMPORANEIDADE

O Cabula carrega uma história de formações quilombolas que representam um traço da resistência negra contra a escravização. Reconhece-se a relevância do presente estudo ao processo de construção identitária sobre a cultura afro-brasileira, incluindo o conhecimento acerca dos heróis ancestrais que lutaram contra a colonização europeizante. Com esse intuito, reflete-se sobre a importância da manutenção da memória africana aos afrodescendentes, tendo em vista que:

O tempo não apaga as lembranças dos descendentes de escravizados que habitam o solo conquistado por ascendentes anteriores à abolição. Histórias de proteção, perseguição, senzala e casa grande, trabalho, comemorações, rituais. (MOURA, 2012, p. 37).

O vocábulo cabula tem origem quicongo, trazendo o sentido de “partilhar” (CASTRO, 2001, p. 184). A denominação também está relacionada à representação do antigo culto afro-brasileiro do século XIX, de origem bantu, ritualizado nas matas do Espírito Santo, para evocar a alma dos ancestrais. Além disso, cabula refere-se aos sons emitidos pelos atabaques que são tocados em terreiros de candomblé das nações angolanas e do congo (LOPES, 2011). O objetivo desses toques está em apartar os males (NICOLIN, 2014).

Conta-se que o relevo diverso e a extensão das matas do Cabula auxiliaram nas fugas dos escravos. Negros de congo-angola, ambundos e bacongos formaram quilombos, seguindo arquétipos do reino Ndongo. Além disso, as regiões quilombolas também tiveram a participação dos gêges, sendo fortalecidas pelos nagôs, de modo que as “[...] as rebeliões vinham desde Mares, Plataforma, Cajazeiras, Itapoã, Brotas, sobretudo do Cabula, lugar montanhoso cheio de depressões para fazer esconderijos e de elevações para construir vigilância” (NICOLIN, 2013, p. 112). Sublinha-se que Nzinga Mbandi, rainha do reino Ndongo, possui seu histórico de resistência e representatividade ao povo angolano, pelo enfrentamento aos colonizadores europeus. Os nagôs ou iorubás, por sua vez, ficaram conhecidos no Brasil por sua região de origem, intitulada Iorubalândia (LOPES, 2011).

Nicolin (2014) utiliza a metáfora Cabuleiro para referenciar os moradores do Cabula que carregam consigo memórias do bairro as quais eles vivenciaram e/ou escutaram de seus



## VI Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - VI ETBCES

familiares e/ou conhecidos. Nessa perspectiva, a autora busca aproximações desses contadores de história com os contadores de tradição africana que trazem a riqueza das narrativas em suas oralidades. Pondera-se, nesse aspecto, sobre a essencialidade de a cultura escolar proporcionar aos alunos a pesquisa sobre as origens de suas famílias e seus bairros, a fim de conhecer e compartilhar aprendizagens acerca dos ancestrais africanos.

Considerando que a cidade de Salvador foi uma metrópole colonial que hoje possui em seu desordenamento urbano uma forte herança da lógica organizacional da sociedade colonial, torna-se essencial estudar as relações de poder que dominaram a região. Essa história vem sendo pesquisada, estudada e vem se construindo conhecimento sobre essa localidade - considerada desde então como uma periferia social, ao tempo que geograficamente considera-se o miolo, portanto, o Centro da cidade de Salvador - por pesquisadores de múltiplos grupos de pesquisa, dentre eles, menciona-se o grupo Sociedade Solidária, Educação, Espaço e Turismo – SSEETU, visando preencher esse vazio histórico em termos de dados, informações e conhecimentos sobre o legado deixado por povos de etnias indígenas e de origem africana. No caso deste estudo, o foco principal é sobre os povos que residiram nessa região denominada por Cabula.

Ressalta-se que, a partir de 2010, os pesquisadores dos grupos vêm trabalhando com recorte geográfico que abrange 17 bairros - Arenoso; Arraial do Retiro; Beiru; Cabula; Doron; Engomadeira; Estrada das Barreiras; Fazenda Grande do Retiro; Mata Escura; Narandiba; Novo Horizonte; Pernambués; Resgate; Saboeiro; São Gonçalo do Retiro; Saramandaia; Sussuarana – reconhecidos pelas comunidades como antigo quilombo Cabula. Cada bairro desses vem sendo pesquisado, identificando-se singularidades em cada um, ressaltando-se a característica de zona de resistência, ainda que não se identifique a demarcação pela acadêmica do Antigo Quilombo Cabula, inexistência de dados, estatísticas, mapas, dentre outros documentos históricos, mas como se percebe, a força identitária está na memória de quem nasceu e ainda reside na localidade.

Assim sendo, a história da região do Cabula perpassa por histórias de povos indígenas, predominantemente Tupinambás; de iorubas, bantos e outros de origem africana; e sobre esses há uma lacuna a ser preenchida; de fazendeiros e proprietários de sítios e chácaras produtoras de laranjas; e na atualidade a pressão imobiliária vem atuando de forma predatória, descaracterizando a paisagem do antigo quilombo Cabula (GOUVEIA, 2007; FERNANDES, 2003). O quadro a seguir aponta a presença marcante de terreiros de candomblé e de umbanda na região do Cabula e adjacências, traduzindo a força ancestral africano-brasileira que resistiu ao tempo e às forças contrárias oriundas do desconhecimento e da intolerância religiosa:



VI Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - VI ETBCES

Quadro 1 - Levantamento de Terreiros de Umbanda e de Candomblé					
Nº	LOCALIZAÇÃO	NOME	RELIGIÃO	NAÇÃO	FUNDAÇÃO
01	ARENOSO	Ilê Axé Deleomim	Candomblé	Keto	1965
		Ilê Axé Eugi Loia Omim		Keto	1979
		Ilê Axé Jezubum Santa Cruz		Keto Angola	1940
		Ilê Axé Lofan Demin		Keto	2002
		Ilê Axé Logum Edé		Ijexá Keto	1975
		Ilê Axé Omim Togum		Keto	1977
		Ilê Axé Orumilar		Keto	1986
		Oya Filha de Roxinoré Filha do Terreiro Santa Cruz		Keto	1997
		Terreiro Luandéi		Keto	1989
02	ARRAIAL DO RETIRO	Gonxiá de Obaluaê Muncombo Mononguzu	Candomblé	Angola	1987
03	BEIRU	Azilô Kasangi Raiz de Omim Silê	Candomblé	Angola	1977
		Centro de Boiadeiro		Angola	1989
		Funanji Filho		Angola	2002
		Ilê Axé Anjualé		Keto	2005
		Ilê Axé Fili Bomim		Keto	1992
		Ilê Axé Iyaomiré		Keto Angola	1987
		Ilê Axé Mojarê		Keto	1998
		Ilê Axé Ofan Onisidé Omim		Keto	1981
		Ilê Axé Pandamim Bomifã		Keto	1978
		Nsumbu Tambula Dicolia Meia Dandalunda (Terreiro São Roque)		Amburaxó Angola	1943
		Sessão de Giro		Keto	2000
		Terreiro Olufanjá		Keto	1969
		Terreiro Oya Omim Olorum		Keto	2001
		Terreiro Tumbeci		Angola	Não informado
04	CABULA	Odé Omin Ifan	Candomblé	Keto	1995
		Terreiro Yndequenã		Angola	1994
		Ilê Axé Ebí Oka Okiká		Nagô Vodum	1963
		Centro Casa de Mesa Branca Raio de Sol	Umbanda	Umbanda	1997
		Ilê Axé Tunadení	Candomblé	Keto	1996
		Ilê Axé Yá Gemiodé		Keto	1981
		Ilê Yá Yalodeidé		Keto	1996
		Centro de Umbanda Juriti	Umbanda	Umbanda	1980
		Terreiro Tologi	Candomblé	Alaketo	1973
		Terreiro Adê Izô		Angola	1990
		Terreiro Viva Deus		Angola	1946
		Unzo Bakisé Sasa Ganzua Gongará Kaiango		Angola	1995
		Centro de Giro Jubiabá		Angola	1977
		Sessão de Giro		Keto	2000
Centro Mensageiro da Paz	Não informado	Não informado		1986	
Casa de Lua Cheia	Umbanda	Umbanda	1977		
05	DORON	Não informado na fonte	-	-	-
06	ENGOMADEIRA	Centro Sultão das Matas	Candomblé	Angola	1988
		Ilê Axé Kafunji Odé Lefunji		Keto Angola	1971
		Ilê Axé Yepomin		Keto	1953
		Ilê Ogum Omim Ayé		Keto	1983
		Terreiro Viva Deus Filho		Angola	1951
07	ESTRADA DAS BARREIRAS	Não informado na fonte	-	-	-
		Centro do Caboclo Araribóia		Keto	1989



VI Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - VI ETBCES

08	FAZENDA GRANDE DO RETIRO	Ilê Axé Locir	Candomblé	Keto	1961
		Ilê Axé Mocir Boiá Raiz de Monajá		Keto	1996
		Ilê Axé Oiá Larê		Keto	1979
		Ilê Axé Omin Okê		Keto	1960
		Ilê Axé Ominidê		Keto	1974
		Ilê Axé Oni Obá		Keto	1995
		Ilê Axé Undê Omim Nadirê		Keto	1996
		Mameto Kecimbi Folha do Amací		Angola	1979
		Não informado		Keto	1996
		Onzo Congo Mutalombó de Unzambe		Angola	1980
		Orissum Nan Jkwê		Keto	1989
		Terreiro Dandalunda		Keto	1992
		Terreiro de Ajaguna		Keto	1956
		Terreiro de Ogum Reis de Catimborê		Keto	1974
		Terreiro de Oxóssi		Angola	1954
		Terreiro Kaiala Bisneta Dagoméia		Angola	1998
		Terreiro Kaiango Filha do Atombenci		Angola	1992
Terreiro Mocô Imbira	Angola	1964			
Terreiro Yemanjá Ogum Té	Angola	1936			
09	MATA ESCURA	Ilê Axé Airá Dagomim	Candomblé	Keto	1990
		Ilê Axé Epó Agodó		Keto	1966
		Ilê Axé Mawud		Keto	1999
		Ilê Axé Obá Xietã		Alaketo	1934
		Ilê Axé Omin Lará Odé		Keto	1947
		Ilê Axé Oya Dé		Keto	1992
		Terreiro das Águas Claras		Keto	1961
		Terreiro de Tupinambá		Keto	1986
		Terreiro do Bate Folha		Angola	1916
		10		NARANDIBA	Ilê Axé Oyakayodê
11	NOVO HORIZONTE	Ilê Axé Oyá Omi Fará	Candomblé	Keto	1999
12	PERNAMBUEÉS	Auxiliar Sultão das Matas Virgens	Candomblé	Angola	1962
		Casa de Tiratema		Nagô Vodum	1944
		Centro de Umbanda	Umbanda	Umbanda	1956
		Com Deus e as Águas	Candomblé	Keto	1968
		Ilê Aláaakorê Ase Omi		Keto	1956
		Ilê Axé Kawrí N'lá		Keto	1993
		Ilê Axé Ninfá		Keto	1966
		Ilê Axé Opô Jimum		Keto	1966
		Ilê Relíquia de Ogum Ojum Orum		Alaketo	1989
		Kakurakaia		Angola	2003
		Não informado		Keto	1969
		Orobê		Angola	1974
		Terreiro de Ijeajé De Oiá		Jêje	1989
		Terreiro de Obirijenan	Keto	1960	
		Terreiro de Oxum	Angola	2002	
		Terreiro Omoloyá	Keto	1986	
		Unzó Oya Sidã	Angola	2004	
13	RESGATE	Não informado na fonte	-	-	-
14	SABOEIRO	Ilê Axé Jaomim Omo Danida	Candomblé	Keto	2004
		Terreiro Zazi Congo de Angola		Angola	1993



VI Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - VI ETBCES

15	SÃO GONÇALO	Centro de Caboclo Sultão das Matas	Candomblé	Caboclo Jêje	1989
		Ilê Axé Odé Bomim		Keto	1975
		Ilê Axé Odê Omim Losi		Keto	1999
		Ilê Axé Ogum Odé		Keto	1987
		Ilê Axé Opô Afonjá		Keto	1910
		Ilê Jobe Omim		Keto	1993
		Terreiro Iganlemin		Keto	1976
		Sessão de Giro		Angola	1976
16	SARAMANDAIA	Não informado na fonte	-	-	-
17	SUSSUARANA	Caboclo Zumbi	Candomblé	Jêje Angola	2001
		Casa Lassum Amazi		Keto	1972
		Centro Caboclo Eru		Keto Angola	1988
		Centro de Obaluaê		Keto Angola	1995
		Centro do Caboclo Tupiniquim		Jêje	2001
		Centro Senhor Sultão das Matas		Jêje	2002
		Ilê Axé Lodomin Ajô		Angola	1979
		Ilê Axé Ninfa Omi		Keto	1976
		Ilê Axé Odor Bogy		Keto	1967
		Ilê Axé Oialeji		Keto	1985
		Ilê Axé Ominijá		Keto	1974
		Ilê Axé Talakenãn		Keto	1992
		Ilê Babá Odé		Keto	1947
		Kafungê		Angola	1985
		Não informado		Keto Jêje	2002
		Não informado		Keto Angola	1986
		Seman de Ungambi		Angola	1974
		Terreiro de Jibomi		Keto	1982
Terreiro Kaiaya Kesicongo	Angola	1991			
Terreiro Ogum Oyá	Angola	1981			
Tumba Jussara	Angola	1983			
Ylé Axé Babá Malembá	Keto	1972			

Fonte: Elaborado pelos autores, a partir dos dados indicados na referência: SANTOS, Jocélio Teles dos. Mapeamento dos terreiros de Salvador. Salvador: UFBA, Centro de Estudos Afro-Orientais, 2008. Disponível em: <<http://www.terreiros.ceao.ufba.br/>>.

Dessa forma, entende-se que a dominância de determinadas civilizações africanas em bairros específicos revela a herança de povos oriundos da diáspora África-Brasil. Nesse aspecto, percebe-se no Quadro 1, acima, o destaque das nações Keto e Angola. A esse respeito, exemplifica-se a experiência a ser desenvolvida em uma escola pública de Salvador – localizada no bairro Beiru – por meio da pesquisa de mestrado referida anteriormente e que está em andamento, cujo objetivo é construir um museu virtual de contos africanos e itan para a comunidade escolar envolvida, de forma colaborativa e processual, tendo a metodologia DBR como direcionamento.

Nessa direção, Matta, Silva e Boaventura (2014) indicam que DBR é uma sigla para a metodologia *Design-Based Research*, traduzida como Pesquisa de Desenvolvimento, tendo o seu viés colaborativo e iterativo que visa ao desenvolvimento de soluções em contextos educativos, em parceria com a comunidade envolvida. Compreende-se a dimensão de investigar sobre as origens do bairro de localização da escola, de modo a desenvolver um





## VI Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - VI ETBCES

trabalho pedagógico que contemple contos africanos e itan que se aproximem da cultura de nações africanas que habitaram o lugar. O bairro do Beiru possui heranças iorubas e tem, em sua origem, o “Gbèrú”, pronunciada como “Bêrú” (com significado voltado ao florescimento), o qual referencia Preto Beiru, escravo africano que viveu na localidade e herdou terras da região (JORNAL DO BEIRU, 2011, p.3).

### 2.2 NOTAS REFLEXIVAS SOBRE A ANCESTRALIDADE AFRICANA

Leite (2008) discute sobre as concepções relacionadas à ancestralidade. Segundo o autor, o conceito pode estar relacionado à abordagem divinatória, com a ligação aos mitos; ao viés histórico, em correspondência com os antepassados; à aproximação com o tecido social, em conjuntura com as práticas desenvolvida pelos sujeitos em sociedade, apesar das influências com o divino; e, além disso, ao entrelaçamento dos dois primeiros. Nesse viés, reforça-se que as discussões em torno da ancestralidade negro-africana sofrem influência de uma diversidade de fatores que podem variar a depender do contexto a ser analisado, tendo em vista que “[...] as ações históricas e os domínios sociais por ela abarcados são os elementos mais decisivos de sua explicação” (LEITE, 2008, p. 380).

Nesse recorte, a presente discussão aproxima-se das abordagens dos aspectos históricos da escravidão e divinatórios, oriundos dos saberes culturais das africanias que vieram ao Brasil. A ideia em torno da questão ancestral envolve dois aspectos: a formatação de princípios e valores que regem e organizam o candomblé, contextualizados aos ensinamentos africanos; e a representatividade dos signos que se aproximam da resistência dos afrodescendentes que, com suas ideias de vibração e movimento, abarcam as ações de luta presenciadas na contemporaneidade (OLIVEIRA, 2009).

#### 2.2.1 Sabedoria ancestral dos contos míticos

No pensamento africano, a fala ganha força, forma e sentido, significado e orientação para a vida. A palavra é vida, é ação, é jeito de aprender e de ensinar. Assim nasceram os mitos. (MACHADO, 2014, p. 3).

Defende-se a valorização de propostas educativas pautadas em práticas pedagógicas descolonizadoras, direcionadas ao enfraquecimento de ideologias elitistas. Salientam-se as contribuições das sabedorias africanas presentes nos contos míticos, enquanto ensinamentos dos ancestrais que reproduzem aspectos da memória cotidiana e/ou antepassada. Nessa compreensão, acredita-se na importância de aprender com as lições trazidas nas mensagens



## VI Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - VI ETBCES

míticas, como possibilidade de conhecer a cultura de comunidades africanas e suas pedagogias voltadas para tradições que são transmitidas pelos mais velhos. A esse respeito, Oliveira (2009) reflete que:

A vida é uma obra de arte e seus segredos são transmitidos através dos mitos que tem a função pedagógica da transmissão do conhecimento ao mesmo tempo em que sua forma de narrativa acaba por criar a própria realidade em que se quer conhecer. (OLIVEIRA, 2009, p. 5).

Em se tratando da importância do sujeito que conhece e dissemina as narrativas míticas, de forma poética e educativa, anuncia-se o contador de histórias que, no dialeto iorubá, tem a representação do “akpalô”, com sua presença comunitária no Brasil e sua responsabilidade na difusão do conhecimento da herança ancestral viva, contida nas memórias relacionadas aos reinos, famílias e cotidianos de povos africanos (LUZ, 2013, p. 19).

### 3 CONCLUSÃO

Este trabalho priorizou a tessitura de ponderações acerca do contexto histórico África-Cabula, a fim de auxiliar no processo de aprendizagem sobre a ancestralidade afro-brasileira. Nesse sentido, buscaram-se referências de registros direcionados a acontecimentos históricos que ocasionaram a diáspora negra e a sua conseqüente dispersão pelo Brasil e, mais notadamente, na Bahia, com o recorte ao bairro do Cabula, em Salvador. Tendo em vista que o texto faz parte do processo de pesquisa iniciada no mestrado, a ser concluído em 2017, considera-se que as discussões apresentadas têm relevância no sentido de ter ampliado o olhar investigativo e pedagógico em torno de episódios históricos que refletem na conjuntura socioeducativa contemporânea. Desse modo, salienta-se que esse movimento é processual e, portanto, tende a evoluir cada vez mais, pelo reconhecimento de que o estudo sobre a África e a diáspora negra é complexo, diverso e sujeito a novidades e aprofundamentos.

Diante disso, a construção deste artigo possibilitou o desenvolvimento analítico do objeto de pesquisa por parte da pesquisadora, imersa ao contexto histórico do *locus* investigativo que terá culminância em uma escola pública localizada no Beiru. A esse respeito, o projeto terá o impacto do museu virtual sobre contos africanos e itan, a ser construído colaborativamente com os sujeitos da pesquisa e, conseqüentemente, a ser patenteado por estes, em parceria com a comunidade escolar.

Dessa maneira, o museu virtual referido trará contribuições aos educadores, alunos, pesquisadores e demais interessados pela temática, no sentido de possibilitar aprendizagens e ampliar o acervo de recursos didático-pedagógicos sobre a história e a cultura afro-brasileira,



## VI Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - VI ETBCES

imersas em contos míticos de tradição oral. Nessa perspectiva, se expressa que o trabalho trouxe crescimento pessoal e profissional, pela valorização do processo de construção identitária afro-brasileira. Assim, conclui-se que esta produção representa uma experiência educativa positiva e também instigadora para a incessante busca em torno das africanias e suas influências na Bahia.

### REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de; FILHO, Walter Fraga. **Uma história do negro no Brasil**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

CASTRO, Yeda Pessoa. **Falares africanos na Bahia**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.

GOUVEIA, Anneza Tourinho de Almeida. **Percepção ambiental no bairro do Cabula: a qualidade de vida dos logradouros no entorno da Avenida Silveira Martins**. 2007, 60p. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Geografia) - Departamento de Geografia, Salvador, Universidade Federal da Bahia (UFBA). Salvador, 2007. Disponível em: <<http://www.leaget.ufba.br/Monografia%20Anneza.pdf>>. Acesso em: 15 mai. 2015.

JORNAL DO BEIRU, Salvador: BA, n. 10, ano 05, nov./dez. 2011. Disponível em: <[http://issuu.com/vilmaneres/docs/num\\_10\\_-\\_dez\\_-\\_2011\\_bce28357bba8ed](http://issuu.com/vilmaneres/docs/num_10_-_dez_-_2011_bce28357bba8ed)>. Acesso em: 29 jan. 2015.

LEITE, Fábio Rubens da Rocha. **A Questão ancestral: África Negra**. São Paulo: Palas Athena: Casa das Áfricas, 2008.

LOPES, Nei. **Enciclopédia brasileira da diáspora africana**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

LUZ, Narcimária Correia do Patrocínio. Descolonização e Educação – por uma Epistemologia Africano-Brasileira. In: LUZ, Narcimária Correia do Patrocínio (org.). **Descolonização e educação: diálogos e proposições metodológicas**. Curitiba, PR: CRV, 2013.

MACHADO, Vanda. Mitos afro-brasileiros e vivências educacionais. In: SECULT. **Lei nº10.639/03: caderno de textos do professor**. Salvador: Smec, 2005. Disponível em: <<http://www.educacao.salvador.ba.gov.br/documentos/mitos.pdf>>. Acesso em 15 set. 2014, às 10 h.

MATTA, Alfredo Eurico Rodrigues; SILVA, Francisca de Paula Rodrigues da; BOAVENTURA, Edivaldo Machado. *Design-Based Research* ou Pesquisa de Desenvolvimento: metodologia para pesquisa aplicada de inovação em educação do século XXI. **Revista da FAEEBA: Educação e Contemporaneidade**. Salvador: UNEB. V. 23, n.42, jul./dez. 2014.

MAURÍCIO, George; BARROS, Marcelo (org.). **O candomblé bem explicado (Nações Bantu, Iorubá e Fon)/ Odé Kileuy e Vera de Oxaguiã**. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.



VI Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - VI ETBCES

MENDONÇA, Renato. **A influência africana no português do Brasil**. Brasília: FUNAG, 2012. Disponível em: <[http://funag.gov.br/loja/download/983-Influencia\\_Africana\\_no\\_Portugues\\_do\\_Brasil\\_A.pdf](http://funag.gov.br/loja/download/983-Influencia_Africana_no_Portugues_do_Brasil_A.pdf)>. Acesso em: 24 jan. 2015.

MENEZES, Jaci Maria Ferraz de; NICOLIN, Janice de Sena. Cabuleiros: memória e pluralidade africano-brasileira. IN: **V SIALA - Seminário Internacional Acolhendo as Línguas Africanas**, 2014, Salvador. Seminário Internacional Acolhendo as Línguas Africanas. Salvador: EDUNEB - Editora da Universidade do Estado da Bahia, 2014. Disponível em: <[http://www.siala.uneb.br/pdfs/VSIALA/janice\\_de\\_sena\\_nicolin.pdf](http://www.siala.uneb.br/pdfs/VSIALA/janice_de_sena_nicolin.pdf)> Acesso em: 29 jan. 2016.

MOURA, Gloria. **Festa dos quilombos**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2012.

NICOLIN, Janice de Sena. Odeart: ecos que entoam uma mata Afro-brasileira no Cabula. IN: LUZ, Narcimária Correia do Patrocínio (org.). **Descolonização e educação: diálogos e proposições metodológicas**. Curitiba, PR: CRV, 2013.

OLIVEIRA, Eduardo. Epistemologia da Ancestralidade. In: **Entrelugares: Revista de Sociopoética**, 2009. Disponível em: <<http://www.entrelugares.ufc.br/phocadownload/eduardo-artigo.pdf>>. Acesso em 20 nov. 2015.

SANTOS, Jocélio Teles dos. **Mapeamento dos terreiros de Salvador**. Salvador: UFBA, Centro de Estudos Afro-Orientais, 2008. Disponível em: <<http://www.terreiros.ceao.ufba.br/>>. Acesso: em 20 nov. 2015.

SILVÉRIO, Valter Roberto (Ed.). **Síntese da coleção história geral da África: Pré-história ao século XVI**. Brasília: UNESCO, MEC, UFSCar, 2013.

TAVARES, Julio Cesar de. **Diásporas Africanas na América do Sul: uma ponte sobre o Atlântico**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2008.

VIANNA FILHO, Luiz. **O Negro na Bahia**. São Paulo: Livraria José Olympio Editora, 1946. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/92306/O%20negro%20na%20Bahia.pdf?sequence=3>>. Acesso em 21 mai. 2015.